



Imagem da produção de tijolos

UNIDADES AUTÔNOMAS DE SOBREVIVÊNCIA:

Entrevista a Cesar Augusto Ribeiro Domingues

Cesar A. R. Domingues é educador, graduado em História/ PUC-SP. Trabalha com educação ambiental, comunicação audio-visual e bio-construção.

Maria Antonieta Pereira é pós-doutora em Literatura Comparada. Professora aposentada FALE/UFMG. Coordenadora geral do Programa A tela e o texto.

Maria Antonieta Pereira - O que levou você ao Fórum Social Mundial? Por que considera importante participar desse evento?

Cesar A. R. Domingues - Fui ao FSM com a missão de divulgar as artes audiovisuais e tecer novos fios na grande rede da comunicação informal. Viajei para Belém com filmes e documentários que de alguma forma dialogam com o slogan do evento "Um outro mundo é possível". Esquecendo um pouco as ideologias e os proveitos políticos que esse evento ofereceu, lá pude conhecer pessoas de várias partes do Brasil e do mundo

que demonstravam enorme decepção com o rumo para o qual a humanidade caminha. Talvez a grande importância do evento seja a de agrupar pessoas que desenvolvem atividades que questionam o avassalador mundo do consumo ou resistem a ele.

Você tem desenvolvido uma proposta de videotecas populares. Essa idéia nasceu como uma forma de questionar a propriedade privada das artes audiovisuais?

A proposta da Videoteca Popular é simples: disseminar a informação audiovisual. Os "alvos" dessas ações são centros de domínio público, ou melhor, centros de não-domínio. Gerido pela própria comunidade, qualquer espaço coletivo tem o potencial de uma Videoteca Popular. Faço parte de um grupo autônomo chamado Artesanato Digital e suas ações consistem na reprodução e distribuição desses materiais. São materiais que discutem questões como criminalidade, violência, ética, filosofia, política etc. A finalidade disso tudo é fazer com que o educador, o agente social ou o estudante em geral, ao ver a variedade de títulos disponíveis numa Videoteca Popular, sintam-se no paraíso da informação audiovisual. Uma Videoteca bem instalada deve servir como um forte instrumento para a comunidade. É claro que esse tipo de ação esbarra na questão dos direitos de propriedade intelectual, já que o conhecimento tornou-se um produto a ser consumido. A regra é clara, quem não paga não consome. Mas a gente sabe que essa lógica não vai se sustentar por muito tempo, para o bem da humanidade. A disseminação da informação é necessária para a saúde mental e física da população. Assim, somos obrigados a assumir uma postura política contra os direitos de propriedade intelectual.

Descreva para nossos leitores a experiência que você e seus amigos educadores têm desenvolvido sob o nome de Unidades Autônomas de Sobrevivência (UAS).

A idéia de Unidade Autônoma de Sobrevivência nasceu como um desafio: viver com altíssima qualidade de vida sem usar dinheiro. Parece uma missão impossível, principalmente se olharmos a partir do ponto de vista das grandes cidades, onde dependemos do dinheiro para comprar (de empresas privadas ou estatais) os itens básicos para a sobrevivência, como a água, a energia, o alimento, a moradia, o transporte. Porém, foi numa região periférica da cidade de São Paulo, onde a água potável não chega, onde o saneamento básico é precário, onde não há escolas nem hospitais, onde moram milhões de pessoas que inventam diariamente mil maneiras para sobreviver, que iniciamos nossas ações. Na época, o grupo chamava-se Aimonotua (Autonomia ao contrário) e pesquisávamos técnicas alternativas de sobrevivência para construir junto com os moradores nas suas próprias casas. A intenção era transformar as favelas em

pequenas comunidades auto-suficientes, disseminando entre os moradores as técnicas da permacultura e da agricultura orgânica.

Morávamos todos na região central de São Paulo e, a cada dia que passava, aumentava mais nossa insatisfação com a contradição que a realidade nos impunha. Tínhamos que trabalhar para pagar as contas e para patrocinar o ideal de autonomia das ações do grupo. Por mais que renunciássemos ao mundo do consumo, ainda assim éramos absorvidos por ele.

Do grupo Aimonotua surgiu um novo grupo. Compramos em conjunto um terreno isolado no meio da Mata Atlântica, no interior de São Paulo, a 150km de distância do centro da capital. Lá estamos construindo nossas casas, nosso saneamento básico, nossa energia e produzindo nosso próprio alimento. Iremos transformar aquele espaço numa escola de técnicas alternativas de sobrevivência, que necessariamente reintegre os seres humanos à natureza.

Por que vocês optaram por pesquisar e utilizar, simultaneamente, antigas e novas tecnologias de sobrevivência?

Quando fizemos contato com os moradores das favelas descobrimos homens e mulheres incríveis. Vou dar o exemplo do seu Vicente e sua esposa Maria. Ambos são os curandeiros da comunidade e moram com seus sete filhos numa pequena e simples casa no meio da favela. Ao redor da casa eles cultivam diversas plantas medicinais. Não há hospital nem posto de saúde na região e todos os vizinhos, quando precisam de um atendimento médico, procuram o seu Vicente e a dona Maria. Eles examinam, diagnosticam e preparam os remédios com as ervas plantadas no próprio quintal. Seus sete filhos, todos saudáveis, nunca pisaram num hospital. Foi também o seu Vicente quem nos ensinou a fazer os primeiros tijolos de adobe. Usamos barro, esterco de boi e palha de arroz e fizemos centenas de tijolos sem gastar um tostão. Descobrimos que os grandes mestres da autonomia que procurávamos são simples e muitas vezes analfabetos, moram em favelas e não exercem poder nenhum sobre ninguém. O saber que essas pessoas carregam é antigo e pertence aos avós de seus avós. São saberes que não podem morrer. Toda vez que compramos tijolos prontos de alvenaria ajudamos a enterrar o saber fazer sua própria casa com tijolos produzidos com o barro da própria terra. Na mesma medida, quando desprezamos os saberes medicinais da família do seu Vicente e supervalorizamos a crença científica da medicina moderna, algumas coisas simples - como fazer um chá de ervas naturais para melhorar o sistema imunológico ou para acabar com uma dor de cabeça - irão desaparecer e cada vez mais ficaremos reféns da indústria farmacêutica. Que sejamos, então, dependentes diretos da natureza e de nossas próprias

mãos, e não da indústria da construção, da indústria farmacêutica, da indústria alimentícia etc. Hoje, os ecologistas e os permacultores em geral têm desenvolvido tecnologias alternativas muito interessantes, que podem perfeitamente servir como potencializador das relações de autonomia. Se o caminho é buscar a autonomia, que sejam bem-vindas, então, as antigas e as novas tecnologias!

A opção por "transformar a casa numa escola de sobrevivência e autonomia" exige o desenvolvimento de novos valores pessoais e coletivos. Essa seria uma proposta concreta (e viável) de rechaçar o consumismo e a destruição da Terra?

Transformar a casa numa escola de sobrevivência e autonomia significa que quem lá viver irá saber construir sua casa e seu esgoto, saberá plantar sua comida, produzir sua energia e armazenar e purificar sua água. Isso não quer dizer que minha casa será uma bolha isolada do mundo, pelo contrário, não produzimos para vender, mas sim para trocar por outros produtos com os vizinhos. A economia informal está mais viva do que nunca e nossa função é dinamizá-la. Perdi a conta de quantas vezes troquei galinha por combustível, mandioca por pão, batata por milho...

Mas aqui convém um comentário. Desde pequenos, somos educados por nossas famílias e escolas a sermos seres individualistas. "Cada um com os seus problemas" talvez seja o principal ensinamento. Na escola, aprendemos a respeitar a autoridade dos professores e a competir com nossos colegas para obter as melhores notas. Resumindo, aprendemos a obedecer, a competir e a viver num mundo desigual. Esquecemos que a espontaneidade e a cooperação foram práticas básicas que mantiveram a humanidade viva por milênios. Não podemos nos enganar e achar que sempre existiram cidades, carros, dinheiro e que as relações de desigualdade entre homens e mulheres sejam naturais. Até meados do século XIX, existiam milhares de comunidades autônomas pelo mundo. O crescimento das cidades junto com a expansão das indústrias modificou drasticamente a realidade. Além de esgotar os recursos naturais, a destruição das comunidades autônomas produziu algo bem comum nos dias de hoje: a pobreza. Uma comunidade autônoma extrapola os conceitos de riqueza e pobreza, impossível defini-la como rica ou pobre, pois é uma comunidade auto-suficiente. Em todo lugar onde a autonomia morre, a riqueza e a pobreza nascem. Nesse sentido, a maneira mais radical ou coerente de rechaçar o consumismo é não participar do consumismo. Parece simples e realmente é, mas antes de tudo precisamos querer abrir mão do conforto de ter milhares de produtos industrializados prontos para serem consumidos, além de injetar uma dose maior de cooperação, improvisação e espontaneidade nas nossas práticas diárias.

Você acredita, como Lao Tse, que "uma longa viagem começa com um único passo". Em sua opinião, a viagem rumo a uma fraternidade terrena, que aproxime humanos e não-humanos, será muito longa?

Acredito que a viagem rumo a uma fraternidade terrena ainda seja longa. Não há receitas, muito menos caminhos pré-definidos, além disso, o mundo do consumo é extremamente sedutor e poucos são aqueles que realmente querem abandonar essa lógica. Diante disso, a única "coisa" que podemos mudar somos nós mesmos. O que não podemos é desistir de tentar. É só dar o primeiro passo que certamente encontraremos outras pessoas na mesma caminhada. Lao Tse, há 600 anos antes de Cristo, escreveu que nossas mentes devem permanecer vazias, o que difere bem da cultura cristã, que diz que a cabeça vazia é a casa do diabo. Para Lao Tse, manter a cabeça cheia é sinal de fraqueza e impotência. Imagine que você tem uma mesa bem grande na sua oficina e que ela está cheia de coisas... Uma mesa cheia impede a realização de qualquer trabalho, porque ela está cheia. Aí, quando a esvaziamos, a mesa ganha potencialidade e uma porção de coisas podem ser realizadas ali. Essa metáfora serve perfeitamente para a mente humana. Manter a cabeça vazia é potencializá-la. Talvez o primeiro passo seja esse: eliminar da nossa mente os valores antropocêntricos, individualistas, hierárquicos, possessivos, e tentar perceber o mundo longe dos valores do velho paradigma. Esse é o desafio das atuais e novas gerações: desaprender para aprender. E se for preciso mandar a picareta no asfalto para que novamente tenhamos água para beber e terra para plantar, que assim façamos!

Janeiro de 2009.